

**nova**

**escola**

PENSADORES NEGROS



**Lélia  
Gonzalez**

**as leituras  
complexas de um  
Brasil desigual**

Conheça a vida  
e a obra de um  
dos maiores  
expoentes do  
feminismo  
negro brasileiro

.....  
**Consciência**  
**Negra**  
.....  
... o ano inteiro ...

## **O que você vai encontrar neste e-book?**

- 1. Introdução: Pensadores Negros \_\_\_\_\_ 03**
- 2. Quem foi Lélia Gonzalez? \_\_\_\_\_ 04**
- 3. Passos que vem de longe \_\_\_\_\_ 07**
- 4. Para conhecer melhor \_\_\_\_\_ 08**

# 1 Introdução

Ao longo do **Especial Consciência Negra o ano inteiro**, a coleção de e-books **Pensadores Negros** abordará a vida, a obra e as principais contribuições de mulheres e homens negros para o conhecimento. Diversa, mas longe de abarcar a totalidade e a potência do pensamento negro, a lista inclui da educadora e ativista norte-americana bell hooks ao escritor e abolicionista brasileiro Luiz Gama, passando por nomes como Frantz Fanon, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Milton Santos, Lima Barreto e Achille Mbembe.

No e-book a seguir, você conhecerá mais profundamente a vida e a obra da intelectual e feminista brasileira Lélia Gonzalez.

## 2 Quem foi Lélia Gonzalez?

### **Raio X - Lélia Gonzalez (1935-1994)**

**Nasceu:** Belo Horizonte (MG)

**Morreu:** Rio de Janeiro (RJ)

**Ocupação:** ativista e antropóloga

**Obras fundamentais:** *Lugar de Negro* (1982), *Por um feminismo afro-latino-americano* (1988, reeditado em 2020)

Lélia Gonzalez nasceu em 1935, em Belo Horizonte (MG), a penúltima de uma família de 18 irmãos. A mãe índia se chamava Urcinda Serafim e o pai, negro, Acácio Joaquim de Almeida. Ao dez anos, migra com a mãe e os irmãos para o Rio de Janeiro, uma vez que seu irmão Jaime de Almeida recebe convite para jogar no Fluminense. A família de Lélia passou a morar em uma “favela que disseram que tinha sido um quilombo”.

Na cidade do Rio de Janeiro, Lélia concluiu os estudos primários e juvenis, adentrou a universidade graduando-se em História e Filosofia, pós-graduando-se em Comunicação e Antropologia e, mais tarde, estudando Sociologia e Psicanálise. Atuou também como tradutora de francês.

Veio de Minas, ainda menina que gostava de brincar, de correr pelos espaços amplos e livres da fazenda do interior. Veio com a mãe e os irmãos. Seu pai? Ficara por lá mesmo, com a esposa legal e os filhos idem. Rio de Janeiro, cidade grande onde a gente pode ganhar dinheiro e viver bem: assim dissera sua mãe.

**Lélia Gonzalez, 1979.**

Sua trajetória acadêmica e intelectual, a conduz, em sua própria definição, para um branqueamento: “na faculdade eu já era uma pessoa de cuca, já perfeitamente embranquecida dentro do sistema”.

Lélia nasceu Almeida e tornou-se Gonzalez ao casar com Luiz Carlos Gonzalez, cuja origem era espanhola. “(...) daí aquilo que estava reprimido, todo um processo de internalização de um discurso da democracia racial veio à tona, e foi um contato direto com uma realidade muito dura. [sic] Mas meu marido foi um cara muito legal, sacou todo o processo de discriminação da família dele, e ficamos juntos até sua morte”.

Em homenagem ao marido, Lélia manteve o Gonzalez em sua assinatura. “Luiz Carlos foi muito importante na minha vida [sic] ficou do meu lado e começou a questionar a minha falta de identidade comigo mesma [sic] foi a primeira pessoa a me questionar como relação ao meu próprio branqueamento”.

Na década de 1960, além de perder o marido, Lélia perdeu a mãe, tais perdas fazem com que ela

mergulhe em suas origens “passei a perceber o papel importantíssimo que minha mãe teve na minha formação. Embora índia e analfabeta, ela tinha uma sacação incrível a respeito da realidade política em que nós vivíamos”.

No período que imediatamente se sucedeu à abolição, nos primeiros tempos de “cidadãos iguais perante a lei”, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares.

Antes de ir para o trabalho, havia que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas das filhas mais velhas no cuidado com os mais novos. Acordar às três ou quatro da madrugada para “adiantar os serviços caseiros” e estar às sete ou oito horas na casa da patroa até a noite, após ter servido o jantar e deixado tudo muito limpo. Nos dias atuais, a situação não é muito diferente.

**Lélia Gonzalez**, no ensaio *Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher*, do livro *Por um feminismo afro-latino-americano*

A partir daí, Lélia se aproxima dos movimentos populares e se torna “uma figura suspeita” e investigada

pela Ditadura Militar (1964–1985). A partir da década de 1970, Lélia passa a se integrar o movimento negro, do qual é uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado, espaço em que empunhou internamente e externamente reflexões acerca das Mulheres Negras, tornando-a uma das principais vozes negras femininas contemporâneas.

### 3 **Passos que vem de longe**

Lélia morreu em 1994, de um enfarto. Sua passagem pelo movimento social das mulheres negras, expressa e ilustra o que Jurema Werneck afirmou como sendo “nossos passos vem de longe”.

Uma das principais referências da produção intelectual afrobrasileira, falar de Lélia e sua obra exigiria um extenso arcabouço de tempo e espaço, leituras e releituras, uma vez que a ativista articulava sua produção de conhecimento com a sua biografia, com o seu conhecimento em história, filosofia e a psicanálise.

Lélia Gonzales insistiu que não só deveríamos compreender a complexa inter-relação de raça, classe e gênero, mas que deveríamos ter em mente as conexões entre os povos indígenas e os povos negros. Essa são as lições que nós dos Estados Unidos precisamos aprender com a história do feminismo negro no Brasil.

**Angela Davis**, em fala na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2017

Lélia Gonzalez foi uma mulher negra que não teve medo de complexificar sua leitura, interpretação de mundo e dos brasis a partir dos atravessamentos entre raça e gênero. Ao ler sua obra e sua biografia é possível pensar muitos caminhos para compreensão de sua presença e proposição de mundo.

## 4 Para conhecer melhor: 2 obras de Lélia Gonzalez



### **Por um feminismo afro-latino-americano**

*Lélia Gonzalez. Organização: Marcia Lima e Flavia Rios. Editora Zahar, 2020.*

O livro centraliza em um só volume parte da produção da intelectual, reunindo em ordem cronológica ensaios, intervenções e diálogos de Lélia Gonzalez entre as décadas de 1970 e 1990. É interessante como ponto de partida para quem quiser entender melhor o pensamento da intelectual.



### **Lugar de negro**

*Marco Zero, 1982*

Um dos dois livros publicados em vida por Lélia Gonzalez, Lugar de Negro foi escrito em parceria com o sociólogo argentino Carlos Hasenbalg. Na obra, é abordada a história do movimento negro no Brasil após o golpe de 1964. Esgotado, o livro será relançado pela editora Zahar em 2021.

nova

escola

Reportagem

**MAITÊ FREITAS**

Edição

**TORY HELENA**

Revisão

**ALI ONAISSI**

Ilustração

**YARA SANTOS**

Diagramação

**CARONTE DESIGN**